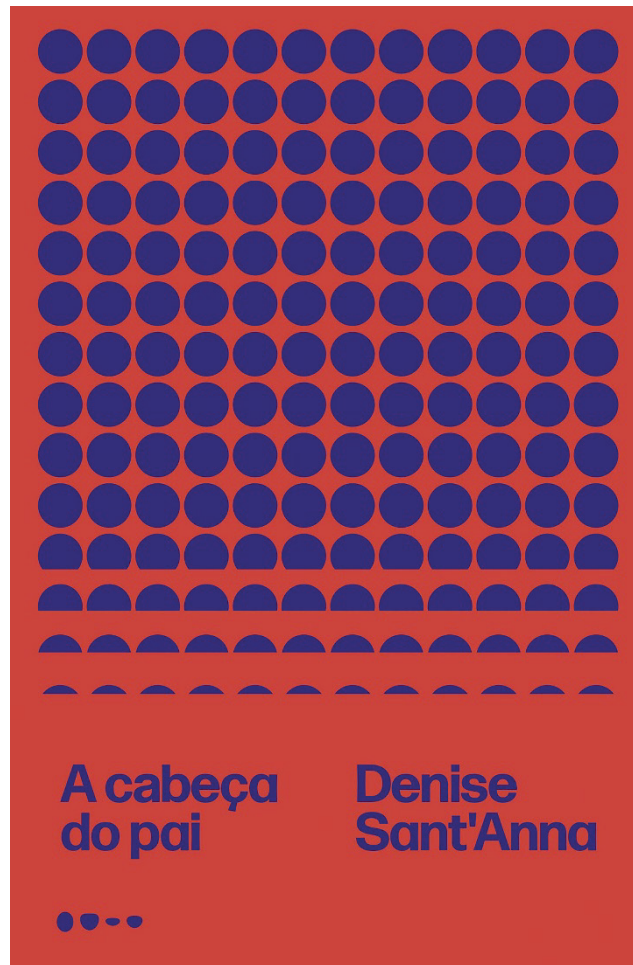


RESENHA/*REVISIÓN*/REVIEW



NA FÁBRICA DE QUIMERAS

NA FÁBRICA DE QUIMERAS

IN THE QUIMERA'S FACTORY

Atilio Butturi Junior*

Universidade Federal de Santa Catarina

SANT' ANNA, D. B. *A cabeça do pai*. São Paulo: Todavia, 2022.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e bolsista PQ-2 do CNPq (bolsa processo processo304252/2019-0). E-mail: atilio.butturi@ufsc.br.

Eu começo esta resenha pelo título. Porque este *A cabeça do pai*, escrito por **Denise Sant’anna** e publicado há pouco pela Todavia, causa uma imediata empatia teórica, materializada em hospitais, em camas, nos poderes dos médicos, na gestão da vida e da morte. É na *topia* do corpo que, foucaultianamente, se pode ler a narrativa e as histórias como que o livro se constrói, no interior da “fábrica de quimeras” – a expressão precisa de Sant’anna para designar a UTI – em que vamos encontrar a narradora.

Denise (Bernuzzi) Sant’anna tem em sua trajetória essas duas inscrições, a saber, o corpo e a história. Pesquisadora fundamental no campo da História, é professora da PUC-São Paulo, bolsista do CNPq e escreveu livros tão fulcrais quanto saborosos, dentre os quais destaco *A História da Beleza no Brasil* (Contexto, 2014) e *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil* (Estação Liberdade, 2016). Seu diálogo com os pesquisadores franceses, como Georges Vigarello, tem sido frutífero e já é incontestemente sua marca na produção intelectual brasileira sobre as corporalidades, seus discursos e suas práticas.

Ora, essa viragem literária poderia causar algum estranhamento, mas, definitivamente, não o faz. Primeiro, porque ao mesmo tempo em que inscreve a narrativa no terreno afeto às suas pesquisas, a autora opera um deslocamento de sua própria escritura, que diz respeito ao campo literário e suas peculiaridades – que ela mostra dominar em seus pormenores. Depois, porque a literatura que coloca em prática tem, ao mesmo tempo, a potência de uma grande contadora de histórias e o colocar em xeque dos modos pelos quais temos nos relacionado com a vida e com a morte, um tema que percorre de ponta a ponte o cânone literário.

O centro da narrativa deste *A cabeça do pai* é a relação de uma filha com a derrocada da saúde física e mental de ambos os pais. Se é certo que é o pai a figura central, essa cabeça pela qual a protagonista busca, incessantemente, também a mãe aparece, como outro corpo e outra subjetividade capturadas pelas regulações e pela normalização daquilo que Michel Foucault (2010), numa conferência proferida no Brasil, de 1974 – publicada sob o título de com o título *de Crise da Medicina e da Antimedicina* – chamou de “medicalização indefinida” e de um espraiamento do saber médico sobre todas as instâncias da vida. No livro de Sant’anna, essa medicina e suas técnicas e tecnologias funcionam como um outro daquela que era a vida do pai: a normalidade do hospital é responsável pela “morte que lhe foi roubada” (p.10), que coloca-o “no limbo” – e assim faz com a filha-narradora e seu “semiluto”(p.1).

Essa via-crucis de filha e pai(s) é narrada em doze capítulos. O primeiro, *Cabeça*, e o décimo, *Órgãos*, parecem alinhavar a discussão sobre a transformação do pai em *paciente*, e ainda outra, de *paciente grave* em *paciente estável*. Chama a atenção, nos dois capítulos, os modos pelos quais o corpo do pai perde sua autonomia e permanece, entretanto, vivo. É justamente nesses capítulos que a *somatocracia* e biopolítica foucaultiana parecem mais presentes, uma marca de autoria.

No entanto, não é apenas como o livro de uma historiadora “foucaultiana” que o livro se sustenta. Diria que, de vários modos, Sant’anna extrapola os limites pelos quais a identificamos – e abre um largo sorriso diante de nossos olhos atônitos. Refiro-me, aqui, à sua efetiva verve narrativa. que contempla as misérias cotidianas na ordem da memória. Ora, essa memória é um também um esforço de busca pelo pai perdido, uma forma de recompor aquilo que a medicina esfacela.

Em todos os capítulos, aparecem então os personagens saborosos de uma cidade também perdida: um senhor acochado pela esposa, cujo insucesso do suicídio aparece na forma da revelação; as meninas da escola a carregar um feto no formol; as inseguranças da própria narradora, a quem não coube ser “louca” – esse espaço reservado a que depois ela soube pertencer. É nesse jogo de dupla busca que o texto ganha densidade e que nos pega, repentinamente, num afecto. Porque o próprio contar também mostra que a memória é um dispositivo e tem regras, mas, assim como acontece em alguns momentos no hospital – como um certo banho dado por uma jovem enfermeira ou como uma ereção inopinada –, há algo que desejamos que escape e faça esfacelar os funcionamentos maquinais a que nos acostumamos.

A escritura da autora, não nos enganemos, nem por isso é piedosa. Seu Deus não sabe o que faz, seus hospital é uma indústria e os filhos e filhas que circulam pelo livro, como a protagonista, estão exaustos, atônitos, sem saber exatamente como agir e nem que ética professar. Essa é, talvez, a qualidade central de *A cabeça do pai*: o relato no limite da franqueza – como se os filhos fossem os *parriastes* a revelar uma verdade de que queremos fugir.

Em 2018, no Colóquio Internacional Michel Foucault, Denise (me atrevo ao prenome, na intimidade dolorosa em que ela nos inclui, leitores) esteve numa mesa-redonda. Sua intervenção, depois publicada em capítulo, tinha por título *Hayek na praia* (SANT'ANNA, 2019). Ela falava de um pesadelo: o encontro com o famoso neoliberal, que punha as regras do mercado a frente de qualquer perspectiva. Na ocasião, lembro-me das referências aos modos pelos quais não temos deixada nada sem uso: nossas casas se tornam airbnbs, nosso carros se prestam ao Uber. A doença mais terrível de nosso tempo, por conseguinte, é aquela que nos torna improdutivos, sem uso: as doenças dos velhos, a quem pretendemos acabar e a quem negamos o direito de morrer.

É dessa ansiedade pelo que vive e pelo que morre que trata o livro. É, mais do que isso, da inexorabilidade da condição de pais e filhos e das injunções, nem sempre doces, que essa condição exige e que o livro materializa. Porém, é também o riso – o último verbo da narradora – que nos enreda nessas histórias. A cabeça do pai sabe dessas ambiguidades e, delicado, nos expõe e nos contempla.



Recebido em 22/09/2022. Aceito em 20/10/2022.

